

4 Metodologia utilizada

Considerando que, segundo Babbie, o comportamento social humano pode ser submetido a um estudo científico que busque regularidades, que representem padrões probabilísticos, minha opção preliminar foi a de realizar uma pesquisa de *survey* com vista a produzir informações sobre características da população de jovens que frequenta o PEJ. Contudo, para fins da elaboração da dissertação, ciente das restrições de tempo e recursos para a pesquisa que pretendia realizar, desenvolvi um estudo intermediário, ou seja, um estudo-piloto que me permitirá dar continuidade à pesquisa de maneira independente, após a conclusão do mestrado, já que os dados úteis a serem obtidos, a partir da realização do estudo, são de meu interesse profissional.

O estudo-piloto diz respeito ao estudo em pequena escala de todo o desenho da pesquisa – é o que Babbie (1999) chama de um *survey* “em miniatura”. Nesse caso, a coleta de dados foi conduzida como uma versão em menor escala de um estudo completo, buscando atingir o objetivo de testar, adequadamente, os instrumentos, os procedimentos de coleta e a preparação da base de dados. Os procedimentos metodológicos, a seguir discriminados, referem-se ao estudo-piloto realizado, que compreendeu todas as etapas inerentes a um *survey*.

A pesquisa foi desenvolvida de modo a identificar certas características dos alunos matriculados no programa, tais como: escolaridade anterior, relação com o mercado de trabalho, posição na família, entre outras. Um estudo descritivo sobre o perfil desses alunos torna-se relevante pelo fato de não terem sido identificados trabalhos de pesquisa nessa área.

Considerarei que desenvolver uma pesquisa por amostragem seria o mais indicado para o meu trabalho, já que me permitiria um acompanhamento mais completo da pesquisa em todas as suas etapas. Mesmo ciente da dificuldade de determinar a precisão dos resultados, sabemos que amostras bem feitas permitem estimativas bastante precisas da população que retratam (Babbie, 1999, p.14-15).

4.1 A seleção da amostra

A fim de captar os padrões de comportamento dos alunos, alguns cuidados foram tomados na seleção da amostra, que procurou ser uma boa fotografia da população.

O universo do estudo-piloto, a partir do qual foi calculada a amostra, esteve constituído pelos alunos do PEJ matriculados em 2003, identificados a partir dos dados de matrícula coletados nas escolas pela Assessoria Técnica de Planejamento da SME, no mês de setembro do ano de 2003.

Por razões de ordem prática, foi desenvolvida uma amostra probabilística conglomerada. Por tratar-se de uma investigação entre os alunos matriculados nas escolas da cidade do Rio de Janeiro que oferecem o PEJ, os conglomerados foram selecionados a partir das listas dessas escolas. Considerando que uma amostra por conglomerados diminui a precisão do *survey*, já que, por exemplo, alunos de uma mesma escola tendem a ser mais homogêneos, podendo diminuir a variabilidade das respostas, optei por trabalhar com um maior número de conglomerados e um menor número de unidades amostrais em cada conglomerado.

Deste processo, resultou o desenho amostral descrito a seguir.

No ano de 2003, 94 escolas da rede pública municipal ofereciam a educação de jovens e adultos à população, tendo 26.065 alunos matriculados. Dessas escolas, as 8 relacionadas no quadro abaixo foram as selecionadas, aleatoriamente, por um sorteio.

Quadro 2 - Relação de escolas que participaram da amostra

Escola	CRE	Bairro de localização
CIEP Nação Rubro Negra	2	Leblon
EM Orsina da Fonseca	2	Tijuca
CIEP Patrice Lumumba	3	Del Castilho
CIEP Gustavo Capanema	4	Maré
EM Barcelona	5	Irajá
EM Levy Miranda	6	Pavuna
EM Rosa da Fonseca	8	Vila Militar
CIEP Herivelto Martins	9	Santíssimo

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Em cada escola, 20 alunos foram selecionados como respondentes dos questionários. Para a escolha desses alunos, a amostra sofreu uma estratificação, que envolveu meu conhecimento prévio das características da população – uma estratificação por bloco escolar em curso (série na qual o aluno estava matriculado em setembro de 2003). O PEJ apresenta uma organização não seriada, que difere do ensino regular. A organização dos conteúdos curriculares é feita tendo em vista as seguintes classificações:

PEJ I – trabalha com conteúdos do 1^o segmento do ensino fundamental (1^a a 4^a série) e é subdividido em dois blocos de aprendizagem – Bloco 1 e Bloco 2 – que equivalem, respectivamente, à 1^a/2^a e 3^a/4^a séries do ensino fundamental.

PEJ II – trabalha com conteúdos do 2^o segmento do ensino fundamental (5^a a 8^a série) e é subdividido também em dois blocos de aprendizagem – Bloco 1 e Bloco 2 – que equivalem, respectivamente, à 5^a/6^a e 7^a/8^a séries do ensino fundamental.

Optei por determinar a população específica desse survey da seguinte forma: total de 160 alunos, sendo 80 matriculados no PEJ I (40 no Bloco I e 40 no Bloco II) e 80 matriculados no PEJ II (40 no Bloco I e 40 no Bloco II).

Em cada escola, 5 alunos de cada bloco foram sorteados.

Para realizar esse sorteio, busquei, por intermédio dos dados de matrícula das escolas, identificar o total geral de alunos por bloco de aprendizagem. Com o total de alunos matriculados nos blocos, por escola, utilizei um recurso do programa EXCEL que permite a geração de números aleatórios. Esse recurso possibilitou o sorteio prévio dos 5 alunos por bloco e de 5 substituições⁹. Os números sorteados transformaram-se em nomes de alunos na chegada do pesquisador à escola, consultados os diários de classe, que são organizados segundo normatização da SME¹⁰.

Essa estratégia possibilitou que a seleção aleatória fosse garantida sem demandar um tempo mais longo no momento da aplicação do questionário, haja vista que o sorteio pôde ser realizado anteriormente, ficando apenas para ser

9 Os reservas foram selecionados para serem utilizados nas situações em que o aluno sorteado estivesse ausente no dia da aplicação do questionário.

10As turmas recebem uma numeração crescente de acordo com sua fase de aprendizagem e os alunos são listados em ordem alfabética. Essa organização possibilitou relacionar o número sorteado com o nome do aluno que ocupava essa posição nas listagens.

realizada na escola a conferência dos números sorteados com os nomes registrados nos diários de classe.

Após o sorteio, um formulário¹¹ era preenchido com todas as informações previamente identificadas sobre a escola e os alunos, que pudessem facilitar o encaminhamento do trabalho.

4.2

Processo de construção do questionário

A construção do questionário passou por versões diferentes, elaboradas em momentos distintos da pesquisa.

A primeira versão desse questionário, que pode ser chamada de preliminar, foi elaborada antes da revisão da literatura e da análise de outras pesquisas correlatas. Ela foi baseada, inicialmente, no conhecimento pessoal e prévio do tema pesquisado e numa primeira leitura de Babbie. O desenho da pesquisa foi sendo construído de modo a responder a algumas questões.

Inicialmente, busquei relacionar que informações pretendia obter com esse questionário; para isso, registrei, aleatoriamente, as indagações iniciais que tinha sobre o aluno e sua trajetória escolar. Prossegui elaborando as perguntas que supunha poderiam fornecer as informações necessárias para responder a essas indagações e em continuidade revisei as perguntas a fim de excluir aquelas que fossem repetitivas.

Elaboradas as perguntas, identifiquei os principais temas que as mesmas estavam abordando no questionário, organizando-as, posteriormente, a partir deles.

Pela descrição do início do processo de construção do desenho do instrumento de pesquisa, pude observar que meu primeiro questionário estava bastante marcado por uma postura indutivista, que tomava minhas observações e experiências com a educação de jovens e adultos como base segura da qual eram derivadas as questões.

A partir da construção desse questionário inicial, resultante do processo acima descrito, iniciei uma segunda fase do trabalho. Realizei uma revisão da

literatura e a identificação de um pequeno número de trabalhos relevantes, capazes de apontar os construtos a serem priorizados, na caracterização socioeconômica e das trajetórias escolares de alunos das classes populares.

4.2.1

Visita à literatura de referência do questionário

A construção do desenho do questionário recebeu forte influência do conhecimento acumulado que tenho sobre o tema pesquisado, permitido por minha trajetória profissional até o ingresso no mestrado. Contudo, essa etapa não prescindiu da elaboração de um quadro de referência conceitual, construído a partir do diálogo com a literatura relevante nessa área. Foram as referências encontradas em pesquisas similares e a interlocução, principalmente com os estudos de Bourdieu, que deram suporte teórico para a escolha dos construtos a serem investigados na pesquisa. Talvez tenha sido essa uma das etapas onde encontrei maior dificuldade, mas, na medida em que ia me apropriando de algumas referências, pude, com mais tranquilidade, fazer essas escolhas.

Elaborei os itens do questionário, a partir de construtos relacionados à caracterização sociodemográfica dos alunos, aos três tipos de capital – social, cultural e econômico – e ao acompanhamento da trajetória escolar dos alunos, antes do seu ingresso no PEJ.

A caracterização sociodemográfica é composta pelas características individuais do aluno, entre elas o sexo, a cor declarada, idade, local de procedência, religião e composição familiar. Essas características permitem classificações em subgrupos, possibilitando análises comparativas entre os alunos desses subgrupos. No caso da pesquisa, por não encontrarmos estudos anteriores sobre o tema, os resultados também poderão apontar uma análise descritiva sobre o perfil desses alunos. Os itens desse construto foram elaborados principalmente a partir da leitura de pesquisas afins.

Os capitais econômico, cultural e social representam dimensões da posição socioeconômica. Esses construtos têm sua sustentação nos estudos de Bourdieu, autor que nos oferece um quadro teórico que busca explicar a reprodução social, a

¹¹ Este formulário compõe o Anexo 1 do trabalho.

partir da tese de que a posição social dos pais dos alunos guarda íntima correlação com a trajetória escolar e, conseqüentemente, com o futuro profissional de seus filhos.

Cada sujeito, para Bourdieu, é dotado de uma bagagem socialmente herdada. Essa bagagem constitui-se de alguns componentes externos ao indivíduo, que podem ser instrumentos que favoreçam o sucesso escolar. Fazem parte dessa bagagem o capital econômico, o social e o cultural.

Nessa pauta, os estudos de Bourdieu constituem referências básicas para entender as relações entre os diferentes tipos de capital familiar e a trajetória escolar dos alunos.

Os estudos sobre a relação escola-sociedade têm mostrado, como fato incontestável, que a sociedade reserva trajetórias escolares diferenciadas para os alunos oriundos das classes abastadas econômica e culturalmente e para os alunos desfavorecidos. Ou seja, têm mostrado a forma como a escola atualiza e transforma as desigualdades sociais em desigualdades escolares.

Em face dessas referências, é importante investigar a estrutura e o volume dos diferentes tipos de capital de que os alunos do PEJ dispõem e qual é o impacto da herança social e familiar na sua trajetória escolar.

O capital econômico pode ser definido, segundo Bourdieu, pelos bens econômicos acumulados pelo indivíduo e pela posse de diferentes fatores de produção. Ele pode se constituir em fonte para a acumulação das demais formas de capital. Para se mensurar o capital econômico de uma pessoa ou grupo familiar, muitas pesquisas de mercado utilizam o Critério de Classificação Econômica Brasil – CBO¹². Contudo, identifiquei, nas leituras realizadas, que experiências anteriores em pesquisa demonstram os limites dessa classificação, para discriminar os setores de baixa renda, o que me levou a não utilizar essa estratégia.

De um modo geral, as pesquisas freqüentemente recorrem a questões que permitem aferir a renda pessoal ou familiar e a outras ligadas à ocupação da

¹² O Critério Brasil é utilizado para compor o capital econômico, a partir de uma classificação econômica que leva em conta a relação de posse de bens, condições de moradia e acesso a recursos públicos urbanos.

pessoa e à sua posição no núcleo familiar. Questões desse tipo permitem dimensionar a riqueza da pessoa e de sua família.

Partindo dessas leituras prévias, alguns itens foram incluídos na pesquisa para mensurar a riqueza do aluno, compondo, assim, o seu capital econômico. Os dados relativos à renda familiar são, em geral, de difícil obtenção e apresentam margem significativa de imprecisão. As perguntas sobre a renda apresentam maiores probabilidades de erro ou de não-resposta. Contudo, a alternativa de utilizar perguntas diretas sobre renda do aluno e de sua família no questionário destinado aos alunos do PEJ foi escolhida, por considerar que a amostra era composta por jovens e adultos inseridos no mundo do trabalho e, portanto, responsáveis ou co-responsáveis por seu próprio sustento e pelo de sua família. A abrangência do conceito de renda não foi explorada, considerando-se apenas como renda individual e familiar o recebimento em dinheiro por serviços prestados ou pensões, não incluindo outros possíveis benefícios recebidos.

Ainda para compor a medida de capital econômico, foram incluídos itens que verificam a inserção do respondente em diferentes formas de geração de renda, ou seja, sua ocupação profissional. Foram elaborados também itens que buscam identificar o ingresso precoce do aluno do PEJ no mercado de trabalho, com vista a confrontar esta informação com sua trajetória escolar.

Os dados obtidos nas respostas a esses itens são apenas informações na sua forma bruta. Entretanto, eles podem nos auxiliar na interpretação da realidade e, no futuro, subsidiar a adoção de políticas públicas de trabalho e educação.

O conceito de capital cultural, incorporado na pesquisa, tem sua sustentação nos estudos de Bourdieu, quem dá a esse capital um peso maior do que ao capital econômico na explicação das desigualdades escolares. Para Bourdieu (1998), a posse do capital cultural aproxima o sujeito da aprendizagem dos conteúdos escolares. A cultura e os conhecimentos considerados legítimos e o grau de domínio da língua culta, trazidos por alguns alunos do seio familiar para a escola, facilitariam a aprendizagem escolar, ocupando o papel de uma ponte entre o mundo familiar e o mundo da escola. Dependendo da cultura e dos conhecimentos trazidos pelo aluno de sua casa, a escola poderia ser a continuidade desse mundo ou algo distante e ameaçador. Assim, a posse de capital cultural favoreceria o sucesso escolar. Para Bourdieu, o capital cultural adquirido na escola estará sempre em desvantagem com relação ao adquirido na base familiar:

“A herança cultural é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito.” (Bourdieu, 1998, p.42).

Com o objetivo de compor o capital cultural dos alunos, foram elaborados itens que medem os estímulos educacionais que o aluno encontra no ambiente familiar, dimensionados pela escolaridade dos pais, pela participação do aluno em atividades culturais e em atividades educativas extra-escolares, pelas práticas de leitura, e pelos materiais de leitura disponíveis em casa, pelo acesso à Internet, e pelo tipo de atividades de lazer desenvolvidas pelo aluno, entre outras. Minhas opções em relação ao conteúdo do questionário no eixo do capital cultural foram sustentadas, também, nas informações que gostaria que fossem coletadas, a fim de subsidiar a construção de políticas culturais complementares ao trabalho da escola.

Muitos dos itens desse construto, foram retirados, na íntegra, do questionário contextual destinado ao aluno no SAEB 2001; outros itens precisaram ser modificados parcial ou totalmente, de modo a adequá-los à amostra de alunos da pesquisa, composta, predominantemente, por pessoas de grupos socialmente desfavorecidos.

O capital social é um construto que está associado, segundo Bourdieu, à capacidade de mobilizar os outros capitais, ou de acionar uma rede de relações de apoio social. O volume do capital social depende da extensão de relações sociais estabelecidas pelo indivíduo e também do volume dos demais capitais dos indivíduos com os quais ele se relaciona. Os itens da pesquisa buscaram identificar o capital social do aluno do PEJ, apenas a partir do envolvimento desse aluno em diferentes campos sociais: igreja, associação de moradores, grêmio estudantil, sindicato, grupos culturais. Assim, por meio dos itens relacionados, pretendia identificar a existência e o volume de vínculos sociais estabelecidos pelo aluno no lugar onde vive ou por onde transita.

A partir dos itens do questionário do SAEB, foram incluídos novos itens relacionados com a trajetória escolar dos alunos e com a estrutura familiar.

As perguntas que compõem o construto trajetória escolar pretendem identificar essas trajetórias dos alunos, antes do ingresso no PEJ, focalizando a existência ou não de escolaridade anterior e buscando informações relevantes quanto aos anos de escolaridade, à idade de ingresso na escola, às séries cursadas,

ao histórico de reprovações, à participação em projetos especiais (aceleração, progressão, entre outros), ao tipo de escola freqüentada, aos motivos do afastamento da escola, ao número de anos desse afastamento, aos motivos do retorno, entre outras questões.

A relevância desse construto nos é revelada pelos dados do SAEB, que apresentam a realidade educacional nacional, marcada por altas taxas de evasão, fracasso escolar e distorção idade-série.

Para investigarmos as trajetórias educacionais dos alunos, não foram utilizados relatos biográficos complementares que possibilitariam uma análise das trajetórias subjetivas. Essa decisão foi tomada em função do tempo restrito dedicado à conclusão da pesquisa.

Assim, trata-se de uma análise das trajetórias escolares mediada pela criação de construtos que, operacionalizados em itens do questionário, possibilitem analisar os percursos escolares individuais e as tendências coletivas, sem levar em conta o sentido subjetivo que os indivíduos atribuem ao próprio percurso. (Dubar,1998)

Quadro 3 - Referência conceitual

CONSTRUCTO	ESPECIFICAÇÃO	ITEM DO QUESTIONÁRIO
Caracterização Sociodemográfica	Sexo, cor declarada; idade; local de procedência; local de moradia; Religião; estado civil; estrutura familiar; documentação; Escolaridade dos pais	78,79,80,81,82,83,84,85,86,87,88,89,90,91,92,93,94,95,96,97,98,99,100,101,102,103,104
Capital econômico	Indicadores de renda; Formas de geração de renda	61,62,63,64,65,66,67,68,69,70,71,72,73,74,75,76,77,89,90,91,92,105
Capital cultural	Tipos de lazer e participação em atividades culturais; Participação em atividades educativas extra-escolares; recursos disponíveis em casa; práticas de leitura	18,19,20,21,22,23,24,25,26,27,28,29,30,31,32,33,34,35,36,37,38,39,40,41,42,43,44,45,46,47,48,49,50,51,52,53,54,55,56,57,58,59,60,95,96
Capital social	Inserção em grupos sociais e comunitários	37,38,39,40,41,42
Trajетória Escolar	Dados sobre ingresso e permanência no PEJ ; escolaridade anterior; fatores que ocasionaram o retorno à escola; tipo de escolas freqüentadas; fatores que geraram a saída do ensino regular; participação em projetos especiais da rede pública para alunos em defasagem idade-série; expectativas em relação ao PEJ; expectativas para a continuidade dos estudos; papel da escola na vida do aluno	1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,14,15,16,17

4.2.2. Realização dos pré-testes

Antes da apresentação desse questionário aos especialistas, e visando a realizar testes do desenho da pesquisa prévios à realização da pesquisa propriamente dita, foi efetivado um pré-teste do questionário. Nessa etapa, busquei verificar se os itens produziam variância suficiente para gerar medidas úteis para análises (Babbie, 1999). Tais procedimentos foram fundamentais para avaliar tanto o conceito que desejava medir quanto a clareza e precisão dos termos utilizados, além da forma, do desmembramento e da ordem das questões.

Duas visitas foram marcadas previamente a uma escola que funciona com PEJ para aplicação do pré-teste. Contudo, devido às investidas organizadas pela polícia militar em determinadas áreas da cidade, a direção da escola escolhida, na tarde das duas datas agendadas, entrou em contato comigo para adiar a visita, em função da situação de insegurança na comunidade.

Decidi fazer um novo agendamento com a escola. Entretanto, preocupada com a urgência da aplicação, avaliei que seria necessário concretizar o pré-teste imediatamente, optando assim, por realizá-lo com os alunos do PEJ que estudam na classe anexa, por acreditar ser importante aproveitar a oportunidade de pré-testar o desenho do questionário, mesmo não sendo ideais as condições disponíveis naquele momento.

Para compreender o processo desse primeiro pré-teste, torna-se necessário conhecer um pouco do significado da turma da classe anexa. A classe anexa é o atendimento aos jovens e adultos fora das dependências da escola, próximo ao local de trabalho dos estudantes. Essa modalidade começou o seu funcionamento no prédio da Prefeitura e está voltada para o atendimento dos funcionários e prestadores de serviço que atuam na Prefeitura e não concluíram o ensino fundamental. A organização do PEJ nas classes anexas é idêntica à da escola. A diferença é que os alunos estudam numa sala de aula adaptada dentro do seu espaço de trabalho. Avaliei, inicialmente, que poderia fazer o primeiro pré-teste com esses alunos, já que tirando o fato de todos os respondentes estarem trabalhando, o que eu já sabia que comprometeria a variância de resposta nas questões referentes à inserção no mundo do trabalho, no mais, enquadravam-se no perfil de qualquer aluno do PEJ.

Esse pré-teste foi realizado no mês de novembro.

Utilizei metodologias diferenciadas para a aplicação do questionário no PEJ I e PEJ II, tendo em vista os diferentes níveis de letramento dos alunos¹³.

Aos alunos alfabetizados (PEJ II), apresentei a proposta da pesquisa, que foi imediatamente aceita. Combinamos algumas regras: eles iriam preencher o questionário sozinhos e só poderiam solicitar a minha ajuda para tirar dúvidas. Ao terminar, deveriam retornar para a sua sala de aula. Fiz a leitura da carta de apresentação do pré-teste. Esclareci dúvidas iniciais. Marcamos o horário de início do questionário (todos juntos), e a partir desse momento, cada um começou a responder o seu.

Os alunos do PEJ I, que não sabem ler e escrever, chegaram e também foram convidados a participar da atividade após conhecerem os seus objetivos. A receptividade novamente foi ótima. Permanecemos na mesma sala de aula, num canto afastado. Cada aluno recebeu um lápis e o questionário, e passei à leitura da carta de apresentação. Minha intenção, ao entregar o questionário a eles, era observar até que ponto esses alunos, que estão matriculados no PEJ I e ainda não têm autonomia para a leitura e a escrita, conseguiriam interagir com o questionário e, a partir daí, de acordo com o desempenho de cada um, ajudá-los a respondê-lo, realizando a leitura oral das perguntas (de forma individual). Contudo, para minha surpresa, ao receberem o questionário, eles disseram que queriam preenchê-lo sozinhos, sem ajuda e, apesar de apresentarem muita dificuldade de leitura, somente nos momentos finais aceitaram minha colaboração.

Essa experiência possibilitou-me observar que o aluno do PEJ I, ao ter o questionário nas suas mãos, talvez desejasse, como os alunos pré-testados, responder sozinho às perguntas, demandando um tempo superior ao esperado para a aplicação do instrumento.

Outras observações relevantes puderam ser feitas a partir desse pré-teste, na medida em que todas as questões relativas às perguntas – clareza, repetições, dificuldades de interpretação – foram registradas no questionário e me possibilitaram a realização de algumas mudanças no formato e conteúdo dele.

Concluí que, para os alunos do PEJ II, já alfabetizados, a leitura da carta de apresentação da pesquisa deveria ser feita coletivamente e acompanhada por

13 Os alunos matriculados no PEJ I, Bloco 1 estão em fase de alfabetização. Nestas turmas são encontrados alunos que não sabem ler e escrever.

esclarecimentos gerais do pesquisador sobre os objetivos da pesquisa, o anonimato das respostas, a forma correta de preenchimento do questionário. Quanto à sua aplicação, os alunos do PEJ II poderiam preenchê-lo sozinhos, num espaço coletivo, apenas com a orientação do pesquisador.

Já com os alunos do PEJ I, que enfrentaram dificuldades na leitura do questionário, o instrumento deveria ser preenchido pelo pesquisador, que se encarregaria de ler a carta, explicar os objetivos do trabalho, garantir o anonimato das respostas e ler uma a uma as perguntas, registrando as respostas apresentadas pelo respondente. Essa estratégia permitiu, também, diminuir o tempo de preenchimento do questionário que, se realizado pelo próprio aluno, seria muito maior e estaria ainda sujeito a muitos erros.

Pude constatar, além disso, que os respondentes do PEJ I tendem a fazer muitos comentários, contando partes da história de suas vidas para justificar as respostas dadas, fato que acarretou, no pré-teste e, posteriormente, na aplicação do questionário final, uma demora maior com esse grupo de respondentes.

Ao terminar essa etapa do estudo-piloto concluí que o primeiro pré-teste, além de não poder testar a variabilidade dos itens relacionados ao mundo do trabalho, já que todos os respondentes eram trabalhadores com carteira assinada ou funcionários públicos, contou com respondentes que, devido à sua experiência profissional e capital social, tiveram certa facilidade para preencher o instrumento, mesmo que complexo, pois, provavelmente, estavam bem mais expostos no cotidiano à participação em pesquisas diversas ou ao preenchimento de tipos diferentes de formulários. Teriam os demais alunos do PEJ a mesma desenvoltura apresentada pelos alunos-funcionários da classe anexa para participar da pesquisa?

Preocupada com essa questão, decidi que, após a conversa com os especialistas que iriam avaliar meu questionário, faria um novo pré-teste numa escola em condições mais próximas da realidade dos alunos matriculados no PEJ.

O próximo passo foi remeter a nova versão do questionário, com as mudanças necessárias no 1º pré-teste, acompanhado de seu quadro de referência, para um processo de validação de face. O objetivo dessa etapa foi encaminhar os documentos aos especialistas antes contactados, a fim de receber suas contribuições e críticas, a partir do seu conhecimento metodológico e conceitual

sobre pesquisa de *survey* em educação, com vista à realização dos novos ajustes indispensáveis ao contexto da pesquisa.

Foi encaminhado o questionário, acompanhado do seu quadro de referência conceitual e de uma carta de apresentação com a solicitação da avaliação, para dois professores do Departamento de Educação da PUC, ambos com larga experiência na área¹⁴.

As contribuições recebidas foram muito relevantes e abrangeram tanto a forma de apresentação do questionário quanto o seu conteúdo.

Segundo os professores, de um modo geral, o questionário já cobria os temas propostos, sendo, contudo, identificados e apresentados diferentes problemas pontuais observados por eles no documento. Foram ratificadas por ambos a necessidade e a importância de que o delineamento da trajetória escolar dos alunos fosse refinado, a fim de justificar efetivamente a coleta de dados, já que a caracterização da população via itens do questionário, que ocupava uma parte significativa do documento, poderia ser obtida pelos dados já coletados em outras pesquisas.

A partir da conversa informal com os especialistas e da leitura atenta de seus comentários, o questionário sofreu novas mudanças e só então foi encaminhado para o 2º pré-teste.

Dessa vez, pretendia viver na íntegra as diferentes etapas que, posteriormente, vivenciaria em cada uma das escolas que participariam da amostra. O número de alunos a serem pesquisados de acordo com cada bloco, o sorteio prévio para a escolha dos alunos, a conferência dos sorteados na ficha de chamada, o sorteio dos substitutos, o controle do tempo destinado à minha permanência na escola, a participação da pessoa que iria auxiliar-me durante as visitas, isto é, todo o processo de aplicação do questionário deveria seguir integralmente o planejamento que havia estipulado para o trabalho de campo. Ou seja, o instrumento deveria ser pré-testado tal como seria usado na pesquisa.

Na escola escolhida, 20 alunos sorteados foram respondentes do questionário.

¹⁴ Os professores Creso Franco e Carmelo Brás foram os especialistas convidados e deixaram marcas nesse trabalho, com contribuições que foram fundamentais para a realização de mudanças significativas no questionário.

Conforme ressaltai acima, minha opção foi realizar tudo integralmente como pretendia fazer na pesquisa. A rotina da noite, descrevendo todas as etapas do trabalho, foi registrada no meu diário de campo.

Chegamos na escola às 17 horas; até às 18 horas, de posse dos diários de classe, procedemos ao levantamento dos nomes e das turmas dos alunos sorteados e dos seus respectivos reservas. Para isso, colocamos os diários de classe na ordem crescente das turmas, por bloco de aprendizagem, buscando o número dos alunos sorteados, na ordem da numeração dos diários, considerando as listagens cumulativamente. Esse procedimento foi longo e demandou bastante atenção. Repetimos a ação para todos os sorteados e reservas. De posse do nome dos alunos, contamos com a colaboração da coordenadora da escola, que se encarregou de chamá-los. Apesar de termos concluído o trabalho inicial às 18 horas, só pudemos iniciar a aplicação do questionário às 18h45min, devido ao atraso dos alunos gerado por motivos variados (jantar, vinda do trabalho e outros).

Todos os alunos sorteados, que não estavam presentes na escola, foram substituídos e tiveram sua ficha de “coleta de dados dos alunos faltantes” preenchida.

Iniciamos pelos alunos do PEJ I, que têm dificuldade de leitura e escrita (alguns são analfabetos). A opção foi fazer a leitura do questionário individualmente e auxiliá-los também no registro das respostas. Eu e minha colaboradora, previamente preparada para essa atividade, iniciamos as “entrevistas” individuais, cada uma com um aluno. O tempo médio por aluno ficou em torno de 15 minutos.

Às 20h30min, saí da sala, deixando a outra pessoa continuar esse trabalho, e fui aplicar o questionário nos 10 alunos do PEJ II, que responderam sozinhos, recebendo a minha ajuda apenas quando necessário. Levaram, em média, 25 minutos para concluir a tarefa.

Às 21h15min, já havíamos concluído o processo com os alunos e partimos para o preenchimento da ficha dos 8 alunos sorteados que faltaram naquela noite.

Saimos da escola às 21h40min, cansadíssimas. Concluí que não poderei trabalhar sozinha, precisarei sempre da ajuda de alguém para conseguir realizar a aplicação dos questionários e a coleta de informações de alunos faltantes numa única noite. Esse novo pré-teste sinalizou outras mudanças que preciso fazer no instrumento, e que estão todas registradas no original do questionário. Acho que depois de uns dez pré-testes, ele estaria bom...Esse foi o segundo e quantas pistas me deu... Estou mudando algumas coisas, excluindo, incluindo.

“Ouvir” o aluno (o pré-teste) é a melhor maneira de saber “qual é a melhor forma de escutá-lo” (o instrumento). Pena que não tenho muito tempo, pois a cada dia me apaixono mais por esse processo.

(Transcrição do relatório de campo de 27/11/03).

O pré-teste deve ser um processo cumulativo ao longo de múltiplos estágios. A realização do 1º e do 2º pré-testes e a avaliação dos especialistas funcionaram como filtros que foram apurando um documento que, tenho certeza, será sempre inacabado.

Devido ao escasso tempo disponível para encaminhamento do trabalho, um calendário de visitas às escolas foi fechado, logo após a realização do sorteio das escolas que comporiam minha moldura.

Para colaborar nesse trabalho, convidei uma professora da área de EJA, que atua comigo na SME¹⁵. Esse convite se tornou necessário, pois as duas visitas anteriores que fiz às escolas (1º e 2º pré-testes) consolidaram minha opinião de que precisaria de alguém que, junto comigo e sob a minha coordenação, auxiliasse na aplicação do questionário, tendo em vista o pouco tempo disponível para a conclusão do trabalho, o número de questionários a serem aplicados, o tempo médio para cada respondente e a necessidade de utilizar estratégias diferenciadas na execução dessa etapa da pesquisa.

A partir do convite inicial, que foi aceito, a natureza da pesquisa, seus objetivos e os critérios para a seleção da amostra passaram a ser temas de diversas conversas, que foram preparatórias ao trabalho. Pedi que minha colaboradora lesse alguns capítulos de Babbie. Apresentei o questionário, realizando a leitura de cada uma das questões. Aos poucos, ela foi ganhando familiaridade com o instrumento. As instruções que acompanham o questionário, como, por exemplo, as que se referem às perguntas que remetem a outras mais adiante, também foram exaustivamente estudadas.

Após a dissecação do questionário, iniciamos discussões sobre alguns cuidados que precisaríamos tomar como, por exemplo, o de colocar-nos numa posição que não afetasse a percepção do respondente sobre as questões do questionário, mantendo a neutralidade, principalmente durante as entrevistas.

Estive presente em todos os dias da aplicação do questionário, sempre acompanhada pela minha colaboradora. Alternávamos, nas escolas, o contato com os alunos do PEJ II, que preenchiam o questionário sozinhos, com os do PEJ I, que respondiam entrevistas individuais.

¹⁵ Vanda Matos trabalha na equipe do PEJ, na SME, e tem larga experiência em EJA, atuando também em ONGs, na coordenação de projetos para a área.

Ao final de cada uma das noites de trabalho, conversávamos sobre as observações realizadas e eu, então, elaborava um relatório de campo.

4.2.3 Apresentação do questionário final

O questionário é composto de 9 páginas. Inicia-se com uma carta de apresentação, que esclarece seus objetivos e elucida algumas possíveis dúvidas para o respondente. No final da carta de apresentação, encontra-se um espaço para registro do horário de início de sua execução. Optei por marcar o começo do preenchimento do questionário pelo respondente, apenas após a leitura coletiva da carta, por considerar que esse seria o momento para tirar dúvidas quanto ao seu preenchimento. O registro sobre o tempo de aplicação do questionário foi útil por ocasião dos pré-testes, já que possibilitou uma avaliação prévia de minha permanência nas escolas, durante a pesquisa, facilitando uma projeção do cronograma de aplicação do instrumento. Após essa etapa, os dados não foram mais utilizados para fins de análise.

Ao todo foram elaboradas 105 perguntas, organizadas em quatro seções. Em cada seção, uma pequena frase informa o respondente sobre o objetivo dos itens que se seguem.

A 1ª parte do questionário contém itens relacionados à trajetória escolar do aluno. A opção por iniciar o questionário por essas questões levou em consideração o fato de que, talvez, fosse a parte do questionário que iria demandar maior necessidade de concentração para recuperação de informações armazenadas na memória do respondente, por se tratar de informações não utilizadas no seu cotidiano.

A 2ª parte do questionário aborda questões relativas ao cotidiano do aluno, mais especificamente, aspectos relacionados com seus hábitos de leitura, lazer e sua participação em atividades sociais.

A 3ª parte destina-se a levantar informações sobre a inserção do aluno no mundo do trabalho e sua situação econômica. Tanto a 2ª quanto a 3ª partes trazem questões mais próximas da vida dos respondentes.

Encerrando o questionário, há questões relacionadas à caracterização sociodemográfica do aluno do PEJ, que normalmente iniciam outros questionários de *surveys*. A decisão de colocar este tipo de perguntas na última parte do questionário se baseou na facilidade de resposta que as mesmas oferecem aos alunos, por se tratar de questões comuns a outros tipos de instrumentos de pesquisa e mais familiares aos respondentes.

No rodapé da última página, há um campo destinado ao registro do horário da devolução do questionário preenchido.

A carta de apresentação e o questionário completo compõem o apêndice desse trabalho.

4.3 Aplicação dos questionários

Os dois pré-testes realizados possibilitaram prever tanto a forma de aplicação do questionário, quanto o tempo que o entrevistador ou o aluno iria utilizar para seu preenchimento.

Foi feito inicialmente um calendário, destinando uma noite para cada uma das escolas a serem visitadas. O horário para a chegada dos entrevistadores na escola deveria ser às 17 horas, a fim de que pudesse ser dada uma explicação à direção sobre a pesquisa e para se ter acesso imediato aos diários de classe, de modo a identificar os nomes dos alunos sorteados. Essas atividades deveriam demorar, no máximo, uma hora, pois, às 18 horas, horário de chegada dos professores, pretendíamos conversar com eles, em grupo, esclarecendo os motivos de nossa presença na escola, informando sobre a dinâmica da aplicação do questionário e a estratégia utilizada na escolha dos alunos. Solicitávamos sempre aos professores que repassassem para todos os alunos, respondentes ou não, as informações recebidas sobre a pesquisa, já que a mesma traria uma pequena alteração na rotina da escola. A partir das 18h30min, procurava sempre iniciar o contato com os alunos selecionados.

Previamente, repassávamos para um responsável da escola os nomes dos alunos sorteados e seus respectivos reservas, a fim de que os mesmos fossem chamados para participarem da pesquisa. Eram sempre solicitados à direção dois

espaços na escola: um para as entrevistas com os respondentes do PEJ I e outro para a aplicação do questionário nos alunos do PEJ II. Ressalto que sempre contei, em todas as escolas visitadas, com a ajuda dos professores e da direção na rotina necessária para realizar com sucesso a pesquisa.

Deparei-me com pequenos problemas nessa parte inicial: atraso dos alunos, ausência de turmas que estavam participando de atividades extraclasse, indisponibilidade de alguns dados nos diários de classe ou fichas de matrícula; contudo, todos os problemas foram sanados com a ajuda da direção e dos professores. Cabe lembrar que comunicava minha visita à direção por telefone, com antecedência, aproveitando a oportunidade para explicar as demandas que eu iria levar para o cotidiano da escola.

Realizei a pesquisa nas escolas no período de 3 a 17 de dezembro, chegando às 17 horas e saindo em torno das 22 horas.

Quanto à aplicação dos questionários, por estarem participando como respondentes na pesquisa grupos de alunos que tinham diferentes graus de fluidez na leitura e na escrita, já previa a necessidade, com os respondentes do PEJ I, que ainda estão no início do processo de alfabetização, da utilização de entrevistas individuais. Tal fato foi ratificado pela realização dos pré-testes. Assim, a pesquisa envolveu duas estratégias diferentes para aplicação do questionário.

Com os alunos do PEJ II, os questionários foram auto-aplicáveis, permitindo reunir os 10 respondentes estipulados na amostra num mesmo espaço. Os instrumentos foram administrados em condições controladas, ou seja, aplicados numa sala de aula, previamente selecionada pelo responsável da escola, que, atendendo a minha solicitação, chamava todos os alunos sorteados e, na ausência de algum deles, o seu substituto..

Inicialmente, eram fornecidas as explicações necessárias quanto aos objetivos da pesquisa: o que é um *survey* (relacionando a pesquisa com as conhecidas pesquisas eleitorais), como os alunos foram selecionados, quem era o pesquisador. A partir dessas informações, os alunos eram consultados a fim de explicitarem seu desejo ou não em colaborar com a pesquisa. Apenas um aluno dos 160 selecionados demonstrou-se indisponível para o trabalho, sendo substituído por um aluno-reserva.

Após a adesão de todos, os questionários, junto com lápis e borracha, eram distribuídos, e a carta de apresentação era lida oralmente pela pessoa responsável pela aplicação do questionário. A partir daí, os respondentes recebiam instruções de como preenchê-lo, e era chamada a atenção, também, para aquelas perguntas que deveriam ser desconsideradas. Os alunos eram informados, ainda, de que poderiam tirar dúvidas ao longo do processo, sempre de forma individual.

Ao término dessa etapa de apresentação do instrumento, todos iniciavam o seu preenchimento registrando, previamente, o horário do início do trabalho. Em média, os alunos demoraram 35 minutos para completar o questionário.¹⁶

A presença constante do pesquisador ou de seu colaborador, serviu para tirar dúvidas ao longo do trabalho e também para corrigir os erros emergentes, já que, ao encerrar o questionário, o aluno preenchia o horário e comunicava ao pesquisador, que conferia todas as suas respostas, identificando, ainda em tempo, as omissões, ou preenchimentos inadequados, no caso das perguntas-filtro que remetiam a outros itens. Em função dessa conferência individual dos questionários, o número de não-respostas e de respostas indevidas foi irrelevante.

Já com os alunos do PEJ I, foram realizadas entrevistas pessoais, pois muitos deles eram analfabetos. Na aplicação do questionário, o entrevistador lia uma a uma as perguntas e todas as possibilidades de respostas, anotando aquela escolhida pelo respondente.

O entrevistador buscava sempre conduzir as perguntas estimulando o aluno a apresentar a resposta. Foi possível, durante a entrevista, evitar confusões com os itens do questionário, esclarecendo os assuntos focalizados e obtendo, assim, respostas mais relevantes.

Ao longo da realização das entrevistas com os alunos do PEJ I, pude observar, enquanto fazíamos as perguntas, suas reações, seus olhares, seus sorrisos ou lágrimas.

Ficou ratificado o que foi observado nos pré-testes: os respondentes do PEJ I tendem a expandir suas respostas, contando a história de suas vidas, fato que acarretou um tempo mais longo de aplicação do questionário nesse grupo. Apesar de os entrevistadores buscarmos uma atitude imparcial perante as falas, não conseguíamos gastar menos do que 20 minutos com cada aluno.

¹⁶ Foi possível tirar a média do tempo gasto, já que todos os alunos registravam, no campo adequado, o horário de início e término do preenchimento do questionário.

Muitas vezes, meu papel de pesquisadora foi atropelado pela minha função de Supervisora do PEJ na SME, mas logo retomava meu trabalho, deixando sempre muito claro que minha visita naquela noite na escola tinha objetivos previamente definidos e que não podiam ser abandonados pelo pouco tempo disponível que eu tinha para alcançá-los. Para algumas pessoas, prometi que, no início de 2004, realizaria uma nova visita, para vê-los, ouvi-los e senti-los num outro papel.

Isso só foi possível pela minha boa relação com as escolas e pela transparência com que falava com todos sobre a importância do trabalho a ser desenvolvido e meu tempo escasso para fazê-lo .

Considero que minha presença, com o auxílio de minha colaboradora, durante o processo de entrevistas e de aplicação do questionário auto-administrado, teve um efeito importante sobre a qualidade do trabalho que foi executado, e que ser Supervisora do PEJ trouxe muito mais facilidades ao meu trabalho de pesquisa do que dificuldades.

4.4 A importância dos alunos ausentes

Aluno do PEJ não é só aquele aluno freqüente, que vem todos os dias para a escola. É também aquele que falta. É aquele que, apesar de ter tomado a decisão de voltar a estudar, por diferentes motivos, se ausenta da escola. Que características esse aluno apresenta? Que regularidades podemos observar no seu perfil, que diferem ou se aproximam do perfil de outros alunos?

Ainda na fase de elaboração do questionário, fui alertada para essa realidade e para a importância de buscar formas de lidar com dados referentes aos alunos que não estivessem presentes, no dia da aplicação do instrumento de coleta de dados. Eles, com certeza, representariam um viés importante para a pesquisa.

Dados de evasão e faltas intercaladas são uma constante na educação de jovens e adultos e, como tais, também se fazem regularmente presentes no PEJ e perigosamente chegam a ser tratadas como normais pelos profissionais. Com certeza, essa situação iria surgir no decorrer da pesquisa. Assim, tentando qualificar esse viés da minha amostra, busquei obter o máximo de dados dos

alunos que, por ventura, não estivessem na escola no dia da pesquisa. Logo que defini o desenho final do questionário, optei por buscar identificar as perguntas que poderiam ser conseguidas na escola, preferencialmente em algum documento oficial.

Relendo o questionário, identifiquei 19 perguntas para as quais encontraria respostas na ficha de matrícula do aluno.¹⁷ Conforme relatei anteriormente, para cada 5 alunos sorteados como respondentes, outros 5 imediatamente eram sorteados para substituir os possíveis alunos ausentes. Sempre que chegava à escola, ao identificar um aluno ausente, antes de buscar seu substituto, procurava sua ficha de matrícula, deixando-a separada, para, no fim da aplicação do questionário, fazer sua leitura e retirar os dados possíveis.

Ao término de todo o trabalho, com as informações obtidas, pude realizar levantamentos que muito me auxiliaram na análise dos dados resultantes da pesquisa.

O levantamento dos alunos sorteados para participar da pesquisa, que não estavam presentes no dia da aplicação do questionário, denuncia o alto percentual de faltas dos alunos às aulas no PEJ (Quadro 4).

Quadro 4 – Percentual total de ausentes por escola

Nome da escola	Percentual de alunos ausentes
CIEP Nação Rubro Negra	80%
EM Orsina da Fonseca	40%
CIEP Patrice Lumumba	50%
CIEP Gustavo Capanema	45%
EM Barcelona	55%
CIEP Levy Miranda	60%
CIEP Rosa da Fonseca	60%
CIEP Herivelto Martins	40%
Total	52%

É importante considerar que, por se tratar da 1^a quinzena de dezembro, já próximo ao final do ano letivo, os alunos mais regularmente começam a faltar às aulas. Essa pode ter sido uma das causas da ausência de tantos alunos¹⁸, no dia da

¹⁷ Todo aluno, ao ser matriculado na rede pública municipal, tem uma ficha cadastral que deve ser preenchida pelo profissional da escola.

¹⁸ De um total de 160 alunos sorteados, 84 estiveram ausentes no dia da pesquisa, sendo 40 do PEJ I e 44 do PEJ II, precisando ser substituídos pelos sorteados como reservas.

aplicação do questionário. Contudo, a baixa frequência, caracterizada não apenas pela observação no dia da visita às escolas, mas também pela fala constante de professores e diretores do PEJ, precisa ser observada e estudada, para que possam ser construídas alternativas e estratégias coletivas nas escolas para reverter esse preocupante quadro.

Na 1ª parte do questionário, só foi possível identificar o tempo de ingresso do aluno ausente no PEJ, a partir da data de matrícula do aluno, tendo sido obtidos os dados mostrados no Quadro 5.

Quadro 5 - Tempo de matrícula no PEJ

Opções de resposta	Percentual de respondentes de acordo com os dados obtidos na ficha de matrícula
Menos de 1 ano	70%
De 1 a 2 anos	13%
Mais de 2 anos	12%
Resposta não identificada na ficha	5%

Em relação à 4ª parte do questionário, foi possível identificar que os alunos ausentes têm em média 28 anos de idade e também as características descritas nos quadros abaixo:

Quadro 6 - Gênero dos alunos ausentes

Opções de resposta	Percentual de respondentes de acordo com os dados obtidos na ficha de matrícula
Masculino	53%
Feminino	47%

Quadro 7 - Naturalidade dos alunos ausentes

Opções de resposta	Percentual de respondentes de acordo com os dados obtidos na ficha de matrícula
Natural do Rio	58%
Natural de outros estados	30%
Resposta não identificada na ficha	10%

Ressalto que muitos dados do aluno, que não são de preenchimento obrigatório, encontravam-se sem informações na ficha. Entre eles, a escolaridade dos pais. Considero importante sinalizar que 63% das fichas de matrícula não continham informações sobre a escolaridade do pai do aluno e 58% não

apresentavam dados sobre a escolaridade da mãe, demonstrando o desinteresse da escola em relação a essa informação.

No capítulo final desta dissertação, estarei apresentando como minha amostra se aproxima ou difere da população que guarda as peculiaridades dos alunos faltosos acima identificados.

4.5 Elaboração do banco de dados

Terminada a aplicação do questionário e realizado o levantamento dos faltosos, tinha nas mãos 160 questionários, cada um com 105 perguntas. Imaginei que precisasse da ajuda de profissionais da área de estatística para trabalhar as informações coletadas. Mas, contando com a minha orientadora, sempre atenta às minhas necessidades, com a disponibilidade do professor Creso Franco e a ajuda da colega Fátima Alves do doutorado, fui errando, acertando e montando o meu banco de dados.

Inicialmente, construí o espelho do meu questionário num programa estatístico. Depois, criei as variáveis de identificação dos respondentes, e, a partir daí, as respostas dos questionários foram registradas de forma quantitativa, permitindo-me a posterior realização de análises para fornecer descrições dos estudantes da amostra e determinar correlações entre diferentes respostas.

Em todo esse processo, foi utilizado um programa bastante conhecido na área de análise de dados da ciência social – o SPSS - Sistema de Pesquisa e Estatística Social 10, pacote estatístico que permite realizar diversas análises. Esse foi o mesmo programa utilizado pelo SAEB no ciclo de 2001.

Uma das disciplinas cursadas no mestrado¹⁹, a de Métodos Quantitativos, possibilitou certa familiaridade com o programa estatístico, pois, através dela, pude conhecer um pouco dos seus recursos, a partir de experiências e exercícios variados, utilizando os dados do SAEB 2001.

¹⁹ A disciplina Métodos Quantitativos, ministrada pelo professor Creso Franco, foi fundamental para a realização desta pesquisa. Ela forneceu uma boa introdução à pesquisa de *survey* e apresentou uma parte operacional bastante importante que possibilitou a utilização do SPSS. Considero que todas as pessoas interessadas em transitar na pesquisa quantitativa devam ser orientadas a fazer a referida disciplina, antes de iniciar a elaboração de seu trabalho.